



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

AS LUTAS VITORIOSAS DE DEZENAS DE MILHARES DE CEIFEIROS

As nanobras dos grandes agrários e a violenta repressão exercida principalmente pela GNR não conseguiram impedir que mais uma vez, dezenas de milhares de ceifeiros e ceifeiras se unissem e conseguissem melhores jornas. Em primeiro lugar porque a experiência dos trabalhadores já hoje os arma poderosamente contra a exploração e em segundo lugar porque a luta dos ceifeiros se tem alargado de ano para ano de modo que hoje já por todo o lado as massas se movimentam.

A unidade e a luta dos ceifeiros, orientados pelo Partido Comunista, são mais largas e mais fortes

Jornas conquistadas

Pegões e Foros da Branca — até 60\$00 (homens) e 35\$00 (mulheres); **Torrão** — até 45\$00. **Évora S. Manços** **Portel Grandola**, **Santa Iria**, etc. — 40\$00 e algumas 45\$00. **Escoural**, **Boa Fé**, **S. Romão**, **Ermidas**, etc. — até 40\$00. **S. Matias**, **Alicavovas**, **Balsão**, **Quintos**, **Serpa**, **Pias**, **Vale de Vargo**, etc. 35\$00 e algumas 40\$00 e 45\$00. **Odemira**, **Sines**, etc. — 35\$00 e 40\$00. **Montemor o Novo**, **Redondo**, etc. — 35\$00 e 37\$50. **Aviz**, **Ervedal**, **S. Cristóvão**, **Monteiro**, **Alvito Vidigueira**, **Vila de Frades**, **Cubo Selmes**, **Prodego**, **Castro Verde**, **Ourique**, etc. — 35\$00. **Benavila** — 30\$00 e 32\$00. **Galvelas**, **Arraiolos**, **Casa Branca**, **Viana**, **Ferreira**, **Beja**, **Sonega**, **Cercal**, etc. — 30\$00. **Vale de Mortos** — 32\$00 **comidos Lagos** — 30\$00 **comidos Mina de S. Domingos** — 28\$00 **comidos Silves** — 26\$00 **comidos Mértola** — 24\$00 **comidos**.

«O CAMPONÊS»

Numa terra do distrito de **Portalegre**, os ceifeiros, ao ler o nosso jornal, decidiram unir-se e conquistaram as jornas de 30\$00 (h) e 20\$00 (m) que nunca tinham conseguido. Em muitos outros lados varios ranchos, depois da leitura de «O CAMPONÊS», uniram-se e conquistaram jornas mais altas.

A grande aceitação do nosso jornal, a influência decisiva que teve em algumas lutas e a ajuda que deu a todos os ceifeiros provam a justiça da sua orientação e permitem alargar ainda mais a sua expansão e importância.

É a unidade

que nos dá a força

Onde os ceifeiros se uniram, começando pelas pequenas conversas até às reuniões de muitos, onde se formaram organismos para dirigir a luta bem ligados às massas de modo a todo o momento as podem auscultar e orientar, onde os ceifeiros se concentraram nas Praças de Jorna e aí defenderam a jorna combinada, a luta travada foi vitoriosa e todos os que nela participaram puderam aprender que a Unidade é que nos dá a força.

A unidade dos ceifeiros é uma barreira que os grandes agrários não podem vencer e eles bem sabem isso. Numa terra onde no ano pas-

sado foi preciso uma longa greve para conquistar 30\$00, este ano, os agrários, ante a mesma unidade e organização das massas, já cederam logo de início essa jorna para todos os trabalhadores, jorna que foi depois ultrapassada.

A greve —

— importante arma de luta

Além do que já informamos, os ceifeiros recorreram à greve pelo menos em mais seis terras dos distritos de **Beja**, **Portalegre**, **Santarém** e **Setúbal**.

Numa dessas terras os trabalhadores combinaram-se em reuniões de massas, formaram uma ampla Comissão de Unidade e concentrando-se na Praça, decidiram lutar pelos 35\$00 (h) e 25\$00 (m) que na localidade não tinham sido conquistados anteriormente. Os agrários não quiseram pagar e os trabalhadores puseram-se em greve.

Só passados 7 dias os agrários cederam mas queriam que o trabalho fôsse sempre do nascer ao pôr do sol. Os ceifeiros, porém, conquistaram 2 horas à 2ª (CONTINUA)

LEVANTÊMO-NOS CONTRA O DESEMPREGO

Até mesmo durante a ceifa muitos operários agrícolas conheceram o desemprego. Numa terra do distrito de **Beja** mais de 150 homens juntaram-se na Casa do Povo no dia 22 de Maio exigindo trabalho. Só 10 o conseguiram mas juntaram-se no pósto da GNR e depois no Grémio da Lavoura tendo pela sua insistência conquistado trabalho para todos e a jorna de 30\$00. Perto, 150 desempregados acompanharam ao trabalho 30 ceifeiros e forçaram o patrão a aceita-los. Em outros lados o mesmo caminho foi seguido mas onde não houve luta uma maior miséria cobriu muitos lares.

Como «O CAMPONÊS» tem dito, para lutar contra o desemprego é necessário que todos os desempregados, todos os trabalhadores se unam e concentrem junto dos agrários, Casas do Povo e autoridades para exigirem Pão ou trabalho.

Esta luta tem de ser firme para não permitir as esperas com que em geral os agrários e autoridades enganam os trabalhadores.

Se não nos atenderem rapidamente, devemos nos juntar todos, homens, mulheres e crianças e manifestando o nosso desespero, exijamos com mais firmeza o Pão para matar a fome.

A fome terrível que tantos operários agrícolas sofrem leva-os por vezes para formas más de resolver os seus problemas. Alguns, isolando-se das massas, vão aos montes e herdes buscar o que necessitam de comer para si e para os seus, arriscando-se a ser presos. Tais acções são uma fuga à luta de massas, levam à desunião e à desmoralização das massas e facilitam a repressão. Não são estas as acções que os agrários temem.

A resolução dum problema de todos como é o do desemprego só deve ser encontrada nas acções que unam todos. Compete, por isso, aos operários agrícolas mais esclarecidos unir todas essas energias que se perdem em actos isolados, todos esses desesperos e vontades, numa ampla acção de massas.

Se todos os que não têm onde ganhar o pão se unirem, perante a frente unida dos operários agrícolas nem os agrários nem a repressão poderão alguma coisa.

É isto que tem sido demonstrado todos os anos nas importantes lutas travadas contra o desemprego. E se os agrários ou as autoridades não derem Trabalho ou Pão, não tendo em conta a nossa fome, então é justo irmos, TODOS JUNTOS, aos ceifeiros das Federações e grandes agrários, buscar o que nos mate a fome.

SEAREIROS!

UNÂMO-NOS CONTRA A EXPLORAÇÃO E A MISÉRIA

Este ano, as searas não nos dão nem para pagar a dívida que fizemos nas Caixas de Crédito ou a particulares para tratarmos a terra e hela lançarmos a semente.

E, entretanto, ainda temos que pagar a «parte» que vai até um quinto e mais, em geral paga em senten-

te, o que quer dizer que pagamos a «maquia» daquilo com que não ficamos. E em muitos lados os proprietários ainda nos exigem a moinha da palha.

Não há dúvida que a nossa classe, que tanto tem sofrido e por isso tem vindo sempre a diminuir, vai este ano sofrer ainda mais!

Que devemos fazer? Devemos unir-nos nas nossas regiões e, junto dos proprietários das terras, pedir que a «parte» deste ano fique em dívida. Depois, temos de conseguir não pagar contribuições este ano e créditos fáceis para prosseguirmos o nosso trabalho. Devemos procurar diminuir a «parte» começando por não ter que a entregar em semente, o que aliás era o que se fazia dantes e os tempos de agora não estão melhores para os pobres, bem pela contrário.

Sareiros!
Unamo nos e lutamo unido: contra a exploração e a miséria

MAIS UM

Assassinato!

Em **Asspillhães** (Gaia), no dia 22 de Julho uma patrulha da GNR de Arcozelo assassinou a tiro o agricultor **Manuel Almeida Magalhães**, simplesmente porque se defendera duma coronhada.

Mais um crime infame que mostra bem a incerteza em que todos vivemos num regime em que as forças repressivas prendem, torturam e matam sem serem incomodadas por tais crimes.

Protestemos contra mais este assassinato fascista e unamos toda a gente 55 contra a repressão.

A terra deve ser de quem a trabalha!

A juntar aos casos da Quinta da Torre (Palmela) e de Fernão Ferro (Sesimbra), mais um proprietário, almirante Sousa Dias, pretende expulsar 100 rendeiros em Arneiro (Grândola).

Estas cem famílias já ali se encontram há 20 anos e as terras que eram bravias são hoje produtivas e o seu ganha pão. O proprietário há anos que os quer expulsar mas agora decidiu não receber as rendas e manda os seus criados lavrar qualquer pequena leira que um rendeiro não trate.

Os rendeiros da Quinta da Torre e de Fernão Ferro, pela sua luta firme e persistente, conseguiram não ser expulsos das terras que trabalham e lutam ainda contra a expulsão de 3 dos seus companheiros. É esse o único caminho — a luta firme — que os rendeiros de Arneiro têm de seguir.

Unidos, dirigi-vos às autoridades e não só lutai para que não sejais expulsos mas também para que a terra vos seja entregue livremente, porque a terra deve ser de quem a trabalha!

Por Melhoramentos Rurais!

O atraso nas nossas aldeias é tão grande e tão sentido que os próprios responsáveis por isso falam no assunto para nos convencerem que o querem resolver.

Um dos problemas mais prementes que se sente por todo o país é o da habitação.

«O Seculo» de 20-VIII-54 dá-nos um exemplo que se repete por todo lado. Em **Bencautel** a falta de casas para as classes pobres é de tal ordem que chegam a pernitar dez e doze pessoas num quarto.

A falta de água potável é um mal de muitas terras e a sua canalização é difícil de encontrar nas nossas aldeias. Segundo os próprios documentos oficiais mais de 2.100 freguesias (sem falar das localidades que não são freguesias) não estão electrificadas. «O Seculo» de 9-IX-54 diz-nos que **Brolas** (Mora) não tem iluminação e não tem água, tendo o povo que recorrer a uma fonte que fica a 3 quilómetros. Em 23-IX-54 informamos que **Póvoa** (Moura) se encontra «votada ao mais completo abandono pois não possui água potável, nem escolas e em condições e as ruas estão de tal modo intransitáveis que é perigoso para as pessoas ali passarem...»

Na vila de **Vimieiro**, porém, a água existe e está canalizada mas... há trabalhadores pobres que têm de pagar quer a gastem ou não, a quantidade de 6 metros cúbicos e o aluguel do contador, somando a quantia de 37\$10 («O S.» 2-XII-54). Sobre o problema das estradas e caminhos muito haveria a dizer. No concelho de **Marvão** a maioria das estradas estão num verdadeiro caos («O Seculo», 27-V-55). Em **Verdeões** (S. João da Pesqueira) os lavradores labutam em solos infértiles, produzem e não realizam dinheiro, apenas porque há 22 anos que está por concluir a estrada municipal que devia ligar várias freguesias («O Seculo», 2-VII-55).

E que dizer das redes de esgoto? Da assistência médica e hospitalar às camadas pobres? E das escolas? «O Seculo» informou em 30-XII-54 que na **Torre das Var-**

gens 70 crianças «recebem instrução numa barraca de madeira» mas em outros lados nem barraca há o que não admira se soubermos que, no concelho de **Évora**, «dos cinquenta edifícios previstos pelo plano dos Centenários só foi possível construir quatro» («O S.», 18-II-54) no concelho de **Odemira**, de dezasseis edifícios previstos apenas um foi construído («O S.», 4-III-54).

É esta lamentável situação nas nossas aldeias que «faz com que as condições de vida suportadas pelos seus habitantes não sejam muito de invejar», como diz «O S.» de 2-VII-55 acerca de **Trincade** (Beja).

Na medida em que os dinheiros públicos se gastam nos aviões e canhões, no envio de soldados para a Índia, etc., eles não podem chegar para melhorar as condições de vida das populações. Em muitos lados o povo verifica por isso que só unindo-se e lutando pelos melhoramentos estes se conseguem. A construção dum bairro de casas, a obtenção de água, a reparação duma estrada, a construção duma escola e tantas outras coisas são reivindicações que podem unir toda uma população.

Por isso em varias terras (**Marinha das Ondas**, **Marmelele**, **Alverge**, etc.) se tem criado Comissões de Melhoramentos. Uma Comissão de **Pias** (Moura) dirigiu-se ao sub-secretário das Obras Públicas a reclamar «alguns melhoramentos indispensáveis ao progresso e à saúde publica da população» (Di. de Notícias, 10-V-55).

Este deve ser o caminho a seguir. Formemos Comissões nas nossas terras com representantes de todas as camadas da população interessadas na defesa dos seus interesses. Discutamos quais os melhoramentos mais sentidos pela massa da população e por meio de abaixo-assinados de exposições etc. reclamemos das autoridades a sua satisfação.

A realização destes melhoramentos contribuiria também para diminuir a miséria e fome de muitos milhares de trabalhadores.



As lutas vitoriosas de dezena de milhares de ceifeiros!

«o camponês»

feira e 2 ao sábado. Numa outra terra, onde as jor- nas têm sido sempre de miséria, os ceifeiros uniram-se para conquistar 25\$00. Nem esta jornada os agrários quiseram pagar e as massas recor- reram á greve. Passados dias os a- grários cederam... mas os traba- lhadores já então exigiam 30\$00. Só passados 3 dias os agrários de- cidiram dar 30\$00, mas então já os ceifeiros queriam 35\$00, que por fim conquistaram.

Este exemplo mostra bem que a greve forjou uma unidade cada vez maior dando uma rica experiência aos que nela participaram

JORNAS FIXAS PARA TODA A CEIFA

A conquista de uma jornada para todo o tempo da ceifa é uma reivin- dicação justa dos ceifeiros pois os agrários procuram ao princípio e logo que a ceifa passa o máximo, baixar imenso a jornada. Em algumas terras do distrito de Beja este ano foi conquistada uma jornada de 35\$00 para enquanto durasse a ceifa. Esta experiência aponta-nos o cami- nho que deve ser seguido por to- dos os ceifeiros arrancar dos agrá- rios um compromisso para todo o tempo da ceifa. Mas é necessário que a Jornada seja mais elevada e que as massas mantenham a sua uni- dade na Praça de Jornas para im- pedir que os agrários falem aos compromissos que tomam de não empregar máquinas nem pessoal

de fora. **CONTRA O ABAIXAMENTO DAS JORNAS**
Numa terra do distrito de Évora a um rancho que ganhava 35\$00 foi baixada a jornada para 25\$00. Me- tade do rancho abandonou o tra- balho. O patrão viu-se obrigado di- as depois a repôr a mesma jornada de 35\$00.

Numa terra próxima, quando choveu, um agrário deu aos ceifeiros e ceifeiras outros trabalhos e quis baixar 10\$00 na jornada. Os tra- balhadores não aceitaram e aban- donaram o trabalho, o que obrigou o agrário a manter a jornada.

Numa terra do distrito de Beja, um agrário quiz baixar a jornada de 30 para 25\$00. Os ceifeiros, con- centrados na Praça, discutiram o assunto. A persistência dos mais combativos conduziu á unidade e todo o rancho afirmou que se iria embora se não recebesse os 30\$00 que foram por isso mantidos.

Na mesma terra outro rancho abandonou o trabalho pela mesma razão. No dia seguinte decidiu fa- lar de novo ao agrário exigindo a mesma jornada e a sua insistência conquistou-a voltando todos ao trabalho.

FORTALEÇAMOS E ALARGUEMOS AINDA MAIS A UNIDADE DOS CEIFEIROS

As muitas lutas travadas durante a ceifa deram importantes vitórias aos trabalhados e permitiu-lhes diminuir a exploração de que

são vítimas, e deram também muitos ensi- namentos que servirão para o futuro. A maior lição a tirar é a de que precisamos de fortalecer e alargar ainda mais a unidade dos ceifeiros.
Os agrários, para intensificarem a explora- ção, recorrem principalmente ás máquinas, á mão de obra de fora e á repressão.
Esta é a quasi metade da ceifa feita pelas máquinas enquanto muitos braços fi- caram parados.

A unidade de todos os ceifeiros, in- cluindo os próprios tratoristas, para que os agrários não se sirvam das máquinas enquan- to houver um braço parado, é necessária para que os motores não trabalhem, para que ninguém abra ruas para as máquinas e para que as massas se concentrem e lutem energica- mente por PÃO ou TRABALHO.

Milhares de ceifeiros algarrives, beirões e mesmo alentejanos, deslocaram-se a outras terras para trabalhar.

Muitos deles deslocam-se mesmo sem preço. Nunca devemos aceitar trabalho sem preço. Mesmo quando nos desloca- mos contratados é preciso que a jornada que vamos ga- nhar não seja inferior á da terra para onde vamos.

A unidade de todos os ceifeiros é ne- cessária para que os agrários não nos lancem uns contra os outros utilizando ranchos de fora a preços mais baixos. Bem respondeu uma ceifeira a um agrário que mandava o rancho para uma propriedade junto de outra terra:

«Nós não somos nenhuma escravas para dormirmos nos montes sem saber o que ganhamos. Para lá deve ir gente da própria terra. Daqui não vai ninguém!»

Por todo o lado a GNR, PSP e mesmo a PIDE foi mobilizada para ameaçar, espancar e prender. Em Couço (Corucho) a GNR tentou dispersar os trabalhadores concentrados na Praça.

Ante a agressão dos operários agrícolas não se contiveram e deram-lhes uma grande lição. Isto foi o bastante para que Couço fosse invadida pela GNR que espancou tanta gente e prendeu que o padre de Couço afirmou ao tenente da GNR: «Os senhores cm vez de virem curar uma ferida ainda a assanham mais!»

A unidade de todos os ceifeiros é necessária para impedir a repressão ao servi- cio dos grandes agrários.

O fortalecimento e alargamento da unidade dos ceifeiros juntamente com a aliança destes com os secretários e pequenos agricultores e os pequenos comerciantes darão ás lutas uma extensão e vigor tão grandes que os grandes agrários e o governo que os representa serão obrigados a recuar muito mais e grandes conquistas serão conseguidas pelas massas trabalhadoras!

«O Camponês» completou em Maio pas- sado 8 anos de publicação. Para ele melhorar a sua acção é preciso que o fa- çamos chegar cada vez mais a toda a gente honesta, que se constituam grupos de leitores de «O Camponês» de modo a que os que não sabem ler o possam e todos troquem ideias depois da sua leitura.

É preciso também que nos cheguem infor- mações sobre todos os problemas do cam- po e que os camponeses auxiliem o seu jornal, pagando-o regularmente e criando gru- pos de amigos que lhe deem a sua contri- buição regular. Os exemplos das amplas recolhas nas Listas de Auxílio, bem como o do grupo de trabalhadores, que entregou o produto de um trabalho que fez ao nosso jornal, devem ser seguidos por todo lado.

Quantias recebidas há tempo - Total: 129\$00
Bem unidos ... 50\$00 Lista nº 140. 10\$00
Lista nº 102 .. 17\$50 Lista nº 142. 9\$50
Lista nº 103 .. 7\$50 Lista nº 147. 9\$50
Lista nº 105 .. 13\$00 Lista nº 148. 12\$00

Últimas quantias recebidas:

Lista nº 139	2\$50	Lista nº 61	46\$80
140	10\$00	63	16\$50
153	7\$50	64	7\$00
155	15\$00	66	35\$00
178	6\$00	67	27\$00
190	8\$50	68	17\$00
224	2\$50	69	6\$50
242	5\$50	620	10\$50
401	15\$00	721	17\$00
402	6\$50	622	9\$00
403	4\$80	624	7\$50
404	20\$00	625	5\$00
405	30\$00	626	15\$00
421	9\$00	630	3\$50
422	6\$50	632	11\$50
423	20\$50	633	3\$00
449	18\$00	635	11\$00
451	21\$00	636	7\$00
463	16\$00	637	2\$50
464	15\$00	?	2\$50
470	10\$00	?	7\$50
471	3\$00	?	10\$50
474	32\$50	639	25\$00
479	5\$00	A memória de	
480	5\$00	Cat. Eufémea.	15\$00
481	5\$00	Idem.	18\$00
493	15\$00	Amigo de «O	
495	10\$00	Camponês».	20\$00
496	6\$50	Amigo do meu	
533	20\$00	povo.....	12\$00
536	20\$00	Camponeses	
539	20\$00	vermelhos.	40\$00
?	10\$00	Lib. para Francisco	
544	2\$00	Miguel.....	4\$00
545	7\$00	Idem.....	5\$00
546	22\$00	Idem.....	5\$00
547	10\$00	Idem.....	8\$00
548	8\$00	Idem.....	10\$00
549	11\$00	Idem.....	10\$00
551	15\$00	Lib. para Al-	
602	5\$50	varo Cunhal	20\$00
605	40\$50	Um rancho de tra-	
609	42\$50	balhadores	500\$00
610	50\$00	Total	1.586\$10

MAIS LUTAS — MAIS VITÓRIAS

Por todo o lado e em todos os trabalhos é possível lutar e conquistar aumentos de jorna e melhores condições. Eis algumas informações que nos mostram bem que isto é verdade e são exemplos para todos.

NOS ARROZAI

Na região de Santiago do Cacém um rancho de trabalhadores que ganhava 22\$00 (homens) e 12\$00 (mulheres) na cava do arroz, exigiu aumento de jornada fazendo greve durante meio dia até o agrário se decidir a dar 24\$00 (h) e 18\$00 (m).
Perto, outro rancho exigiu a mesma jornada que foi conseguida após 3 horas e meia de greve e apesar das ameaças do agrário.

No Ribatejo um rancho de mais de 100 trabalhadores a quem o patrão queria pagar 900\$00 pela plantação de 1 hectar, reclama- mou 1000\$00 e, conquistou-os. Outro rancho que trabalhava perto seguiu esse exemplo e conseguiu o mesmo aumento.

Perto de Setúbal 6 camponeses faziam a monda de arroz contratadas por 17\$00. Sabendo que outras ganhavam 20\$00 resolve- ram falar com o patrão. Como este só que- ria dar 18\$00 e apesar das ameaças do ma- ganeiro que lhes dizia que tinham de cum- prir o contracto decidiram ir-se embora. Ante a sua firmeza o agrário deu-lhes os 20\$00.

NOS CARREGOS E DEBULHA

Numa terra do distrito de Beja os operá- rios agrícolas juntaram-se e discutiram as jor- nas para os carregos e as máquinas. Os a- grários ofereciam só 20\$00 mas os traba- lhadores combinaram lutar pelos 25\$00 e, ape- sar do desemprego, a sua unidade fez-lhes conquistar essa jornada em todos os carregos e em muitas máquinas.

Um rancho de 25 homens abandonou o trabalho por o agrário só querer pagar 20\$00 obrigando-o a pagar 25\$00.

Perto de Évora um agrário falou a um rancho para ir para uma máquina ganhando 20\$00. O rancho reclamou 23 e conquistou-os.

Em vários outros lados os trabalhadores ob- tiveram conquistar para estes trabalhos os 25\$00, e onde a luta se travou unida conse- guiram no. Em alguns lados a jornada nas de- bulhas foi também de 19\$00 comidos. Mes- onde não se lutou, as jornadas ficaram em 20\$00 e 19\$00, jornadas de miséria.

NA TIRAGEM DA CORTIÇA

A luta pela jornada de 35\$00 travou-se em vá- rias regiões vitoriosamente, embora em al- guns lados não se tivesse conquistado o «domingo livre», isto é, receber o domingo também mas não trabalhando. Um rancho conquistou 30\$00 com o domingo livre o que dá exactamente o mesmo que os 35\$00 sem o domingo livre.

PELÁS SESTAS

Não satisfeitos com os baixos salários que dão os agrários ainda querem roubar aos tra-

balhadores as suas horas de descanso.
Numa herdade do distrito de Beja, no dia 3 de Maio, dia em que começava a sesta, um agrário o não a quiz dar a um rancho de 76 mulheres. Estas uniram-se e protestaram junto do agrário. Como não se atendeu aban- donaram o trabalho. Ao fim de dois dias ele mandou-as chamar com a sesta.
Numa herdade perto, 30 mulheres monta- vam a 14\$00 e no dia 3 de Maio o agrário não só não lhes dava a sesta como baixou a jornada para 10\$00. Todas as mulheres afirmam que assim não trabalhariam. Pressões das o agrário mandou-as chamar pagando-lhes 16\$00.
Em outras regiões também as camponesas lutaram pela sesta abandonando o trabalho sempre que os patrões a não quiseram dar.

OUTRAS LUTAS

No distrito de Portalegre um agrário fal- ou a um rancho de mulheres para apañarem gramicha a 10\$00. Todo o rancho, pediu 15\$00 e ante a sua firmeza o agrário acabou por pa- gar-las. Outro agrário que não quiz dar os 15\$00 pelo mesmo trabalho não arranjou pessoal.

Na região de Portimão os trabalhadores anuais que ganhavam 17\$00 (h) e 10\$00 (m) lutaram por aumento de jornada e con- quistaram respectivamente 20\$00 e 15\$00.

Nesta região 60 camponeses abandonaram o trabalho em protesto contra o tratamento dado pelo patrão.

No distrito de Beja 60 camponeses que britavam pedra de empreitada uniram-se con- tra um roubo na medida da pedra obrigando, pela sua luta, o empregado a cumprir o que estava assente.

PEQUENOS E MÉDIOS VITIVINICULTORES !

São cada vez maiores as dificul- dades com que nos debatemos. No ano passado vimos que a uni- dade e a luta conseguem vitórias mas vimos também que temos de ser nós, os pequenos e médios vi- tivinicultores (que mais sofremos com a «crise vinícola») que temos de encabeçar essa luta se não só conseguimos meias soluções que nada resolvem.

É necessário que nós seja garan- tida a compra do vinho por preço compensador. Precisamos de cré- ditos com boas condições. Quere- mos que os preços do sulfato, en- xofre, etc., sejam barateados. Para conquistarmos estas nossas rei-

Aproveitemos as Casas do Povo!

As Casas do povo nada têm feito em benefício dos operários agrícolas mas isso não nos deve afastar delas. Se as Casas do Povo têm por fim, segundo está escrito mas não está feito, ajudar-nos, então o melhor é obriga-las a cumprir o que devem fazer. Assim conse- guiremos algumas conquistas ou a sua acção ficará mais desmascarada.

Foi assim, e muito bem, que pen- saram os ceifeiros duma terra do distrito de Beja que decidiram passar a fazer a Praça na Casa do Povo e, por seu intermédio, envia- ram uma exposição ao delegado do Instituto Nacional do Trabalho com as condições em que desejavam tra- balhar. Este exemplo deve ser se-

guido sem esquecer, é claro, que a luta toma formas mais combativas mas que as formas mais simples de- vem ser as primeiras pois são as que unem mais largas massas e lhes dão a experiência para as formas de luta superiores.

Honremos os nossos Mártires

No dia 19 de Maio, primeiro aniversário do infame assassinato de Catarina Eufémea, vários ranchos somando mais de 500 trabalha- tores fizeram minutos de silêncio tendo alguns deles paralizado o trabalho. Numa terra do distrito de Beja foram reco- lhidas 492 assinaturas exigindo o castigo do assassino, em outra terra 424 assinaturas. Em várias terras do distrito de Portalegre foram fixados cartazes e recolhidas dezenas de assinaturas.

No dia 9 de Junho passado o povo de Montemor-o-Novo foi depôr ramos de flores na campa de Germano Vidgal, destaco- do operário, membro do Partido Comunista Português, que foi torturado e assassinado pela Pide em 9 de Junho de 1945. Numa das ruas de Montemor foi colocado um car- taz com o nome deste grande amigo e de- fensor dos camponeses e todo o povo pas- sou a chamar-lhe Rua de Germano Vidgal.

Em 20 de Junho de 1947 e em 4 de Junho de 1950 foram igualmente assassinados os o- perários agrícolas José António Patuleia, de Vila Viçosa, e Alfredo Lima, de Alpar- ça, o primeiro torturado e assassinado pela Pide e o segundo pelo soldado da GNR Armando da Sousa, ás ordens do sargento Francisco Martinho Pires. Mas quem armou estes assas- sinos foram os grandes agrários exploradores e o governo que os representa e defende — o governo fascista de Salazar.

Recordamos estes queridos e sau- dosos companheiros e homenagea- mos as suas memórias unindo nos ca- da vez mais e lutando firmemente pelas nossas justas reivindicações.

vindicações imediatas temos que nos juntar, discutirmos os nossos problemas e reclamarmos a sua satisfação em concentrações nas Câmaras Municipais e junto dos governadores civis.

Para além destas reivindicações imediatas todos nós vemos que o mal da «crise de abundancia de vinho» está no baixo nível de vida do nosso povo, na falta de rela- ções económicas livres com todos os países, na asfixia a que nos condenam os Grêmios, Juntas e todo o sistema corporativo.

A modificação de toda esta situ- ação deve também unir-nos a todos!